
DISCURSOS SOBRE ETARISMO NO PERFIL DO INSTAGRAM @REVISTATPM¹
DISCOURSES ON AGEISM IN THE INSTAGRAM PROFILE @REVISTATPM

Laís Sousa Di Lauro²
Luzineide Vieira de Sousa³
Marília Diógenes Moreira⁴
Regina Baracuh⁵

RESUMO

Este artigo tece uma discussão sobre a beleza da mulher no envelhecimento. Tem como objetivo analisar os enunciados discursivos de três postagens do perfil do Instagram @revistatpm, em que situa o corpo como um lugar em que o poder inscreve-se pelo discurso. Teoricamente, este trabalho está inserido nos Estudos Discursivos Foucaultianos, mobilizados pelo método arqueogenalógico. Além das contribuições de Foucault, em sua analítica do poder sobre o corpo, nos apoiamos em Goldenberg (2023), Beauvoir (2018), entre outros que discutem o corpo na velhice. Como resultados parciais, nas três postagens, a atuação do corpo apresentado pelo discurso da Revista ordena um dizer que vai em via da negação do corpo-belo, visto que, tal discurso re(produz), estabiliza e faz circular um dizer a respeito das condições que possibilitaram a emergência destes enunciados, por isso, os discursos analisados, aqui, problematizam a questão da beleza madura e a pressão estética feminina em relação ao envelhecimento e ao etarismo.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB) na linha de pesquisa Discurso e Sociedade e em Media Digitais, pela Universidade Nova de Lisboa (UNL/PT). Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM/UFRN) na linha de pesquisa Estudos de Mídia e Produção de Sentido. É pesquisadora no Grupo de Estudos interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos (CORPOLÍTICA/UFRN) e no Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI/UFPB). E-mail: Laisdilauro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9802-8786>

³ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB) na linha de pesquisa Discurso e Sociedade. É pesquisadora no Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI/UFPB). E-mail: lvsousa@uneb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8864-1782>

⁴ Professora substituta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DECOM/UFRN). Mestre e Doutoranda em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), na linha de produção de sentido. E-mail: madiogenes3@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8255-6720>

⁵ Professora Associada Nível IV da UFPB, onde orienta pesquisas em nível de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Está vinculada ao Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL) e é membro permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Possui Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU (2023), Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-Araquara (2004) E-mail: mrbaracuh@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2867-6806>

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos; Etarismo; Mulheres; Instagram.

ABSTRACT

This essay discusses the beauty of women in aging. It aims to analyze the discursive statements of three posts from the Instagram profile @revistatpm, in which it situates the body as a place where power is inscribed through discourse. Theoretically, this work is rooted in Foucaultian Discursive Studies, mobilized by the archaeogenealogical method. In addition to Foucault's contributions in his analysis of power over the body, we rely on Goldenberg (2023), Beauvoir (2018), among others who discuss the body in old age. As partial results, in the three posts, the performance of the body presented by the magazine's discourse orders a narrative that tends toward the denial of the beautiful body. This discourse re(produces), stabilizes, and circulates statements about the conditions that enabled the emergence of these narratives. Therefore, the speeches analyzed here problematize the issue of mature beauty and female aesthetic pressure in relation to aging and ageism.

Keywords: Foucaultian Discursive Studies; Ageism; Women; Instagram.

1 Considerações iniciais

Este artigo tem como objetivo cartografar enunciados sobre a beleza no envelhecimento feminino a partir de 3 postagens do perfil do Instagram @revistatpm. A primeira inquietação decorrente deste tema surgiu ao zapearmos o Instagram, em meados de abril de 2023, e nos depararmos com o seguinte enunciado, em uma publicação do perfil referido: “Eu quero ser velha. Estou cansada de tentar ser jovem”. No entanto, o que chamou a nossa atenção, em um primeiro momento, não foi a citação da atriz Andie Macdowell, mas sim a forma como a citação estava disposta na publicação da revista: com apoio imagético da imagem da Andie, uma mulher no auge dos seus 64 anos, bem vestida, posada, maquiada, com cabelos levemente grisalhos, esguia, ávida e elegante. Esta mulher, com todas as características que estão no cerne da beleza dos dias atuais, é a mulher que, também, enuncia está cansada de ser jovem, ou de fingir ser uma mulher jovem (em suas próprias palavras), e revela o desejo de se assumir-se velha. Foi esse o momento em que nos deparamos com um corpus robusto, produtivo e bastante atual: o etarismo e as questões da beleza na velhice.

O desejo de assumir a velhice vem imbricado de uma série de implicações sobre o corpo, especialmente o corpo feminino. Entender o corpo da mulher sempre foi uma pauta que tem nos interessado muito, não apenas por sermos mulheres, mas pela discussão que

reverbera pela história das mulheres, por descortiná-las, descobrir suas nuances e marcas. E, também, por entendermos que a mulher que somos hoje, carrega muito de várias outras mulheres que nos antecederam e que estão ao nosso redor. Como, nos últimos anos, as discussões sobre etarismo ganharam força nas redes sociais e nas mídias digitais, evidenciando estereótipos, atitudes preconceituosas e discriminação em relação ao processo de envelhecimento, não poderia deixar de falar sobre essa população de mulheres que cresce a cada dia não apenas em nosso país, mais no mundo: o aumento da população idosa no Brasil e no mundo é um dado demográfico que tem sido observado por inúmeras organizações como a ONU, o IBGE e o IPEA. Nesse cenário, com a população brasileira envelhecendo rapidamente, vemos, também, um aumento considerável no número de casos de etarismo.

Em uma sociedade sensível à questão etária, cujos valores nos levam a ser conscientes e alertas quanto à idade no que tange aos padrões de comportamento esperados para cada etapa da vida (Bytheway, 2001), envelhecer pode ser um fardo penoso a ser carregado, principalmente quando pensamos em relação às mulheres, visto que estas sofrem pressão estética durante toda a vida.

As questões relativas ao etarismo são muitas, mas é fato que o etarismo afeta homens e mulheres de formas diferentes. As mulheres têm diariamente seus corpos atravessados por incontáveis discursos preconceituosos, violentos, discriminatórios e esse atravessamento é muito maior quando o corpo da mulher é tido como envelhecido, além de todas as marcas e estereótipos que precedem esse corpo, há, agora, o maior deles: o fardo da velhice. Goldenberg (2023, s/p), afirma que esse cenário se explica porque a nossa cultura sempre foi tida como uma cultura do jovem: “só a juventude é bela, só a juventude é produtiva, só a juventude é alegre, só a juventude merece ser valorizada”. Esse pensamento segue em congruência com os ditos por Michel Foucault, quando em *Vigiar e Punir*, nos apresenta o poder disciplinar, que molda e dociliza corpos a fim de torná-los úteis e produtivos.

Seguindo por esse mesmo prisma, Beauvoir (2018, p. 11), levanta a questão de que o que move o preconceito contra a velhice tem um fundo capital, visto que “a economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz”. Essa problematização conflui diretamente com a teoria foucaultiana, principalmente quando Foucault (2014b, p. 29) nos diz que:

o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a

trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso.

Dentro das incontáveis relações de saber-poder que circunscrevem (e configuram) o corpo, dessa dita tecnologia política dos corpos (Foucault, 2014b), a velhice surge como uma barreira física/biológica, a medida em que atinge o corpo invalidando-o. Este corpo é, então, marginalizado, visto que a sua utilização econômica fica prejudicada. Nesse sentido, levantamos alguns questionamentos que movimentarão as questões deste artigo: o que pode o corpo velho? Quais são os limites da velhice? Quais enunciados circulam hoje sobre o corpo idoso? Há uma diferença entre o corpo idoso do homem e o corpo idoso da mulher? Instigados a responder estas proposições, vejamos a seguir:

2 A velhice se abriga em um corpo utópico

Do ponto de vista biológico, a velhice nada mais é que um fenômeno inerente à vida, tal qual o nascimento. Na velhice, encontramos o retrato final do corpo: um fenômeno biológico, que recai sob os corpos subjetivando-os, marginalizando-os e alterando a relação sujeito-corpo-carne-história e a percepção corpo-mundo. Se nos diz Foucault (2013) que há uma utopia feita para apagar os corpos, podemos considerar a velhice como um corpo utópico por excelência.

[...] este corpo é leve, é transparente, é imponderável; nada é menos coisa que ele: ele corre, age, vive, deseja, deixa-se atravessar sem resistência por todas as minhas intenções. É verdade! Mas somente até o dia em que adoço, em que se rompe a caverna de meu ventre, em que meu peito e minha garganta se bloqueiam, se entopem, se fecham. Até o dia em que a dor de dentes estrala no fundo da minha boca. Então, aí então, deixo de ser leve, imponderável etc.; torno-me coisa, arquitetura fantástica e arruinada (Foucault, 2013, p. 8).

O corpo, superfície de inscrição de acontecimentos⁶, elo do eu-sujeito com o mundo, está fadado à velhice e, portanto, as diversas mazelas que vêm atreladas ao peso do passar dos anos. Cada dia que passa recai sobre a pele, pesa sobre os ombros e atravessa o eu: ser velho, nos regimes de verdade do nosso tempo, é um fardo.

⁶ Vide em: Foucault, 2019, p. 22.

Beauvoir (2018, p. 11) reflete em uma passagem do seu livro intitulado ‘Velhice’ que “o fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: esta evidência nos deixaria engasgados se considerássemos os velhos como homens, com uma vida atrás de si, e não como cadáveres ambulantes”. Essa reflexão nos interpela e nos faz refletir sobre o lugar da velhice nos dias de hoje. Aliás, há um espaço para corpos velhos em uma Sociedade do Cansaço⁷?

Se, em épocas remotas, o homem velho era tido como sábio, mestre e até uma figura sagrada, hoje é tida como frívolo, desvairado e inútil. Cabe aqui fazer um breve parêntese para ressaltar que, dos tempos remotos aos atuais, a velhice não recaiu sobre os corpos de homens e mulheres da mesma maneira. Goldberg (2013, p. 65), nos mostra, por exemplo, que em sociedades indígenas antigas, em específico entre os povos aleútes (povos costeiros), “os grandes velhos instruem a juventude: cada aldeia possuía um ou dois velhos que educavam os jovens; esses anciãos eram ouvidos com respeito, mesmo que já dissessem coisas sem nexos”. No entanto, nesta mesma comunidade, às mulheres velhas, era cabido a obrigação de cuidar dos doentes e dos mais velhos, visto que estas seriam confiáveis para tais atribuições. É interessante notar que, recentemente, uma pesquisa feita pela Fiocruz mostrou que hoje, no ano de 2023, são as mulheres da família que cuidam dos mais velhos em 92% dos casos.

Ao percorrer outros momentos da história, vemos movimentos onde aos homens idosos era cabido o lugar de sábio, afinal, eles eram dotados de conhecimentos úteis, sendo também feiticeiros poderosos e, muitas vezes, assumindo o controle da comunidade ou cargos de poder, dada sua vasta experiência. Já as mulheres idosas, apesar de em algumas sociedades serem tratadas com respeito, eram escanteadas, visto que muitas das suas funções envolviam reprodução, trabalhos manuais na terra e cuidados com a família/marido. Dado às circunstâncias da velhice, em geral, a elas restavam apenas as responsabilidades da casa.

Para fechar o parêntese dos argumentos de que a velhice nunca atingiu o corpo das mulheres da mesma forma que o dos homens, outros registros históricos apontam para uma relação entre a mulher velha e a bruxaria. É sabido que durante toda a história, um lado místico/mágico permeou as sociedades. No período medieval, por exemplo, a figura da bruxa

⁷ A Sociedade do Cansaço é um termo cunhado por Byung-Chul Han em 2015 (traduzido para o português em 2015), que se refere a um modelo de sociedade que ultrapassa o modelo de sociedade proposta por Michel Foucault a medida em que o próprio sujeito é, agora, vigilante de si e de suas ações, movendo-se sempre em busca da produtividade exacerbada. É nesse mesmo ensaio que o autor reflete sobre questões relacionadas às doenças às quais o corpo está fadado nessa busca implacável. Segundo os conceitos de Han, o cansaço é uma resposta do corpo para o excesso de positividade e cobrança que a sociedade impõe.

surgiu como se conhece hoje: uma mulher geralmente velha e feia, que faz poções no caldeirão, voa pelos ares e participa de festas demoníacas regadas a maldade e perversões sexuais. A partir do século 15, quando eclodiu uma epidemia de caça às bruxas pela Europa, milhares de mulheres — entre elas muitas mulheres idosas — foram levadas ao cadafalso para serem degoladas e às fogueiras acusadas de bruxaria, satanismo e magia negra.

Temos, até este momento, tentado traçar um breve esboço arqueológico acerca da velhice, em especial do corpo da mulher velha, na história, a fim de localizar (e compreender) o local que ocupa o corpo da mulher velha hoje. É importante situarmos a velhice no século XXI para, a seguir, tecer as análises dos enunciados chave neste artigo.

Nos holofotes do século XXI, pairam incontáveis discursos que reforçam enunciados de longevidade, saúde, bem-estar, beleza, estética, juventude e supervalorização da aparência física. Nesse contexto atual, extremamente midiaticizado, em que as práticas cotidianas transcendem o real para o universo online, o imperativo da beleza nunca esteve mais em voga e a cobrança pelo culto ao corpo se intensificou ainda mais. É fato que (co)existimos na era da imagem, das redes sociais, que se tornou Vitrine do Eu⁸.

Dada a realidade a qual estamos imersos enquanto sujeitos parte do social, o corpo velho é cada vez mais cobrado para adequar-se às normas e verdades da época. Deste modo, a indústria da beleza⁹ e indústria farmacêutica não poupam esforços para criar soluções para evitar o envelhecimento: de cremes milagrosos que prometem uma pele perfeita a procedimentos mais invasivos como cirurgias plásticas, a velhice é temida e é, também, remediada. Neste panorama, em uma infinidade de possibilidades de plasticidade corporal, emerge o discurso anti-idade que, para Moreira (2021, p. 10), “prega a glorificação de um determinado corpo, o corpo-capital, este que possui alto valor na contemporaneidade por atender às demandas capitalistas e corresponder aos protótipos de beleza atrelados à aparência física”. Estes discursos são reforçados por diferentes dispositivos, incluindo o midiático.

Matos (2022, p. 1), nota que, na modernidade ocidental, há um movimento contraditório relacionado ao fato de que quanto maior a longevidade da idosa ou do idoso no Brasil, maior o processo de juvenilização das idades e dos corpos. Para o autor, há na cultura

⁸ Conceito desenvolvido na dissertação intitulada “Vitrine do eu: a construção discursiva de estereótipos de beleza feminina no Instagram”. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/44834>

⁹ Vide em: ECO, U. História da beleza. Rio de Janeiro: Record, 2004.

contemporânea uma negação do corpo velho da mulher Brasileira no século XXI. Beauvoir¹⁰ já traçava esse panorama ao qual a velhice se sucumbia desde a década de 70, na França.

3 Afinal, o que pode o corpo da mulher velha?

Para articular a discussão proposta neste trabalho, o nosso aporte teórico parte dos Estudos Discursivos Foucaultianos, incorporando conceitos de discurso (Foucault, 2014a; Foucault, 2020), poder (Foucault, 2014b), verdade (Foucault, 2014a) e dispositivo (Foucault, 2019), para analisar uma série de enunciados que materializam perspectivas sobre a beleza no envelhecimento feminino no perfil @revistatpm no Instagram. O método que guia esta pesquisa é o arqueogenealógico. Seleccionamos, a partir de uma rede de dispersão enunciativa, três publicações do perfil referido com o objetivo de examinar como os discursos sobre a beleza da mulher na velhice emergem nesta rede social. Além disso, buscamos indicar locais de resistência que emergem em oposição à discriminação etária.

Foucault (2019, p. 22) nos diz que o corpo é como “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização”. Há uma articulação sujeito-corpo-história e, sob esse corpo, incidem os estigmas dos acontecimento passados que, como vimos até aqui, atravessam o corpo da mulher velha desde a antiguidade.

Na Fig. 1, encontramos Andie Macdowell, em uma publicação enunciada pelo perfil @revistatpm. Na publicação, cujo título em destaque enuncia “a beleza prateada”, vemos a imagem da atriz posando em uma foto ‘espontânea’, com uma citação sua que chama atenção pelo fato de enunciar estar cansada de tentar parecer jovem. Este enunciado emerge em resistência aos incontáveis enunciados que vimos aqui compor a rede da velhice. No entanto, ao mesmo tempo que a postagem enuncia um ato disruptivo, trata-se de uma mulher que está na mídia e possui visibilidade, mas que decidiu ‘assumir’ uma postura contra os incontáveis discursos anti-idade que recaem sobre o seu corpo e reconhecer a velhice, enunciado que vem de um local bastante específico.

Quem é esta mulher que [fig. 1] dá voz às pequenas linhas de fuga do dispositivo midiático e assume querer romper as barreiras da juventude? É uma mulher branca, de uma

¹⁰ Em sua obra “Velhice”, Beauvoir traça um panorama acerca da percepção do corpo velho na França da década de 70, creditando a inatividade imposta às pessoas idosas não como uma fatalidade natural, mas como a imposição decorrente de uma opção social.

classe social abastada, que recorre à indústria da beleza para moldar o seu corpo, que tem visibilidade midiática (pela sua profissão - atriz), que está maquiada, que é esguia, que se veste bem e que teve direito a visibilidade (ocupou uma publicação em um perfil do Instagram com uma quantidade de seguidores relevante).

Figura 1: postagem retirada do perfil do Instagram @revistatpm.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CrDzJnbJC1d>

A publicação, realizada no dia 15 de abril de 2023, teve grande repercussão, atingindo quase 55 mil curtidas e centenas de comentários. Na legenda, uma fala da atriz, que corrobora com o dito na imagem da postagem, revela outras margens da velhice: o fato de ter assumido os cabelos grisalhos que, para Moreira (2021, p. 129) pode ser entendido como um desvio de conduta, visto que os cabelos brancos “simbolizam uma forma de contestação, podendo indicar também uma redução da vaidade”. A opção de não colorir os cabelos grisalhos pode ser entendida como um reflexo pela busca de assumir-se velha em suas características

biológicas e físicas. Entretanto, em um olhar mais cauteloso, é possível notar que os fios brancos mal aparecem.

Na mesma regularidade enunciativa, a publicação a seguir revela um outro enunciado sobre o envelhecimento. Na publicação, a atriz Helena Bonham Carter enuncia: “envelhecer virou um palavrão, é quase um crime, uma vergonha”. Sobre isso, Beauvoir, (2018, p. 7) comenta que em nossa sociedade, “a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”. A velhice é tida como um tema velado por vir acompanhado de características que não cabem ao corpo útil e belo.

Figura 2: postagem retirada do perfil do Instagram @revistatpm.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cqbezglpnse>

Novamente, na Fig. 2, podemos perceber que, embora abra espaço para enunciados que tratam temas marginalizados, o perfil do Instagram da revista TPM enuncia a velhice a

partir de uma outra atriz branca, magra, com cabelos pintados, maquiada, e com a pele sem rugas e marcas da idade. Ou seja, as características corporais naturalmente associadas ao envelhecer foram, mais uma vez, disfarçadas e substituídas por traços de uma aparência jovial e “bem conservada”. Assim, a aparição da prestigiada atriz na postagem vem para representar um grupo de pessoas que, devido ao esforço voltado aos seus respectivos corpos, são exaltadas, uma vez que os cuidados corporais tendem a despertar admiração na contemporaneidade.

Segundo Sibilía (2011, p. 106), isso ocorre pois acredita-se no “mito do corpo juvenil como um valioso capital hiperestimulado que, infelizmente, vai se desgastando com o tempo, mas que não se deveria perder de jeito nenhum.” A juventude, nesse sentido, é tida como um artigo de alto valor, tal qual a fisionomia jovem, classificada hoje como sinônimo exclusivo de boa forma, especialmente diante de um cenário que condena os resíduos psicológicos, biológicos e, sobretudo, estéticos ligados ao envelhecimento.

A senescência, como podemos observar, é associada a um amplo arsenal de valores negativos. É prudente pensar, nesse contexto, sobre o termo “pós-idade”, formulado por Côrte (2018) como resultado da expressão “pós-verdade”¹¹. O vocábulo demonstra a negação em torno da velhice tanto sob a ótica coletiva como da parte do próprio sujeito envelhecido. Avançar na idade, então, torna-se motivo de medo, preocupação, discriminação e marginalização do sujeito, o que é produzido discursivamente e propagado socialmente e midiaticamente de maneira avassaladora, mesmo que haja uma tentativa categórica de quebrar esse padrão, como no caso das publicações da página @revistatpm aqui destacadas.

Na Fig. 3, podemos ver outro exemplo dessa regularidade enunciativa, desta vez, sob a figura da modelo tcheca Paulina Porizkova, que enuncia não se achar bonita ao se olhar no espelho e se deparar com uma imagem de um corpo velho, que para ela, não a representa.

Figura 3: postagem retirada do perfil do Instagram @revistatpm.

¹¹ Côrte (2018) recorre à Fábio (2016) para explicar que o termo pós-verdade é definido pela Oxford Dictionaries, departamento da universidade de Oxford responsável pela criação de dicionários, como um adjetivo que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm influência menor em moldar a opinião pública do que a emoção e crenças pessoais.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CsomCBBMCvX>

Bem como nas postagens anteriores, a celebridade que estampa a peça enuncia um modelo de envelhecimento a ser seguido, o corpo a ser glorificado e imitado através de dois grandes fatores: a dedicação pessoal e o investimento financeiro. Aqui, a modelo representa o protótipo relacionado ao corpo feminino, “[...] cujas bochechas flácidas desaparecem enquanto envelhecem, cujos olhos se tornam cada vez menos caídos, lábios se tornam mais carnudos e as testas mais suaves no passar dos anos.” (Bordo, 2004, s/p).

O ato de esconder a idade, por exemplo, é um indício dessa dinâmica, bem como a prática de não se reconhecer enquanto pessoa idosa ou envelhecida. Assumir-se velho é como um feito que transcende a resistência de um eu que, assim como o meio ao seu redor, também estigmatiza as consequências do envelhecer. Isso porque “velho” é um adjetivo que não apenas caracteriza, mas desmerece o sujeito, representando uma espécie de imoralidade biológica e social.

No processo de envelhecimento, é bastante frequente a recusa do eu em relação à própria idade, o que é referido por Beauvoir (2018) como uma “contradição intransponível”. Isso implica em um distanciamento entre a idade real e a percebida, persistindo em uma falta de aceitação dos supostos limites impostos pelo avanço da idade, assim como os estereótipos associados a isso. Apesar das décadas que separam o período atual da publicação do livro "A velhice", as observações de Simone de Beauvoir continuam pertinentes, pois como mencionado por Casotti e Campos (2011, p. 110), pessoas mais velhas tendem a se perceber com cerca de dez a quinze anos a menos do que sua idade oficialmente registrada: “A idade percebida – aquela que a pessoa sente que tem, e não a que aparenta ter – parece, assim, ser uma informação tão ou mais interessante do que a idade cronológica.”.

Outro ponto a ser discutido é o uso da expressão “amadurecimento” na legenda da postagem exibida na Figura 3 que, no caso, constitui um eufemismo empregado como alternativa para a palavra “envelhecimento”, sugerindo a presença de um certo pudor associado ao envelhecer. De novo, temos a mesma regularidade enunciativa – a de que ser velho na atualidade é uma lástima, embora se trate de um processo inevitável a todos os organismos vivos. Tido como um corpo distinto dos imperativos estéticos, o corpo velho é renegado, como é possível observar pela escolha do termo “imperfeições visíveis”, empregado na mesma legenda. Tratar os rastros físicos deixados pela senescência dessa maneira é dizer que tal estágio da vida deixa marcas inversamente proporcionais à tão sonhada perfeição corporal.

Ainda que não reconheça sua fisionomia enquanto mulher envelhecida, Paulina Porizkova, modelo de 58 anos de idade (nascida em 1965) que protagoniza publicação, enuncia que “[...] olhando mais de perto, sou apenas eu. Meu rosto com pouca maquiagem, luz intensa, com cada ruga e imperfeições visíveis”. Na mesma legenda, também vemos que ela é vista como uma mulher que chama atenção “por suas publicações contra o etarismo e a sua relação com a beleza e a sensualidade após a juventude.” Paradoxalmente, se estabelece uma relação de orgulho da velhice concomitante ao desejo de evitá-la e escondê-la.

Mas, primeiramente, cabe refletir: que beleza e sensualidade são essas? Como e por quem elas são enunciadas? A resposta é direta, apesar de antagônica: o corpo belo e sensual aqui mencionado é o corpo rejuvenescido, apesar da idade. A mulher que teoricamente luta contra o etarismo é a mesma que participa de uma dinâmica de consumo que valoriza o corpo

retocado, que não se deixa envelhecer. Afinal, apesar de presentes, as rugas e marcas de expressão exibidas na fotografia são discretas e disfarçadas pelo uso de maquiagem, além das polêmicas ferramentas de edição fotográfica, tratadas por Sibilía (2011) como “bisturis digitais”.

A mulher que estampa a Fig. 3 apresenta suas rugas e traços de expressão visíveis. No entanto, simultaneamente, características típicas do envelhecimento facial, como manchas, poros dilatados, flacidez e ressecamento não estão evidentes, indicando que os sinais do envelhecimento estão sendo evitados ou disfarçados de forma eficaz. Este é um corpo que está envelhecendo como qualquer outro, mas não exhibe tantos indícios disso, pois está sujeito aos procedimentos rejuvenescedores que podem ser aplicados à matéria humana. Isso se dá porque o envelhecer e suas marcas são frequentemente vistos como descuido corporal, levando à adoção de estratégias para combater seus sinais e ultrapassar, conseqüentemente, os limites biológicos do corpo.

Essa dinâmica pode ser examinada através de um fenômeno chamado “reprivatização do envelhecimento”, conceituado por Debert (1999) para descrever um movimento contrário que transfere os desafios da velhice para a responsabilidade individual de cada pessoa. Por meio de padrões de consumo, escolhas de estilo de vida e participação em atividades estimulantes, o sujeito pode se desvincular dos impactos negativos provocados pelo avanço da idade, especialmente em uma era caracterizada pela profusão de recursos para tal fim. Nessa perspectiva, o envelhecimento é percebido como resultado da falta de engajamento em atividades motivadoras e da adoção de comportamentos e hábitos inadequados. As características do corpo em idade avançada, portanto, “[...] se transformam em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do lazer.” (Debert, 1999, p. 78).

Este processo de redefinição é atravessado por discursos que buscam minar as representações comuns associadas ao processo de envelhecimento, deixando de ser uma fase exclusivamente marcada por perdas e desafios, de modo que a tradicionalmente denominada “última idade” adquira uma nova terminologia e uma nova conotação – a “melhor idade”, uma fase da vida que desafia os estereótipos associados às diferentes fases da vida.

O que vemos nas Figuras 1, 2 e 3 é a expressão autêntica associada à reinvenção do envelhecer, um processo que, de acordo com Debert (1999; 2018), está intimamente ligado ao consumo, uma vez que práticas de cuidados com o corpo, alimentação saudável, tratamentos

médicos e uma ampla gama de atividades de lazer fazem parte desse conceito para desconstruir as expectativas tradicionalmente vinculadas aos homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. Para a autora, a globalização da cultura jovem segue a tendência pós-moderna de oferecer alternativas para escapar dos estereótipos e padrões comportamentais associados ao etarismo.

Representações tradicionalmente ligadas à velhice, nesse sentido, são continuamente desafiadas pela ideia de que a autoexpressão e a exploração de identidades, anteriormente atreladas exclusivamente aos jovens, alcançam também uma audiência de idade mais avançada, permitindo a emergência de discursos que celebram o envelhecimento como um processo enriquecedor, vibrante e produtivo. Dessa forma, produções midiáticas difundem imagens que reforçam tal perspectiva sobre o envelhecer, mostrando indivíduos com corpos, rostos e semblantes rejuvenescidos, como retratado no *corpus* de análise trabalhado neste artigo.

É importante pontuar que as três publicações em questão apresentam regularidades enunciativas e enunciam a velhice a partir de mulheres brancas, famosas e que assumem uma posição da velhice ‘higienizada’, com corpos bem cuidados, tratados, plastificados que contemplam incontáveis características dos regimes de verdade de belo dos dias de hoje. Cabe pontuar, também, que no período de seleção desse corpus de análise, não houve nenhuma publicação que retratasse a velhice a partir de corpos ‘invisibilizados’ de pessoas comuns. Embora a revista seja brasileira, as três mulheres que enunciaram o tema da velhice são estrangeiras. Ainda, não encontramos nenhuma publicação nesse recorte temporal que abordasse questões da velhice de mulheres negras.

IV Considerações Finais/Resultados

Após cartografar os enunciados sobre a beleza no envelhecimento feminino, nas 3 postagens do perfil do Instagram @revistatpm analisadas, algumas respostas parecem ter surgido sobre as proposições iniciais que moveram este artigo: o corpo velho não é útil e, portanto, não tem valor; por não ter valor, este corpo pode muito pouco; os enunciados que circulam hoje acerca do corpo idoso reafirmam este corpo como um corpo frágil, frívolo, sem saúde e sem utilidade. Quando averiguamos a percepção desse corpo no social, olhando especificamente para a questão de gênero, notamos que recai sobre o corpo da mulher na

velhice um fardo muito maior visto que, além de todos os atravessamentos sofridos pelo corpo envelhecido, há ainda transpassamentos que cobram desta mulher cuidados com a casa, com a família, com a saúde e, claro, com a beleza.

Neste ponto, a partir da análise dos enunciados do corpus selecionado para este trabalho, encontramos na rede discursiva do envelhecimento feminino enunciados que emergiram direcionando o olhar para a beleza da mulher madura. São enunciados feitos a partir de locais hegemônicos, embora tragam discursos de resistência. As três protagonistas das postagens são mulheres brancas, socioeconomicamente privilegiadas, que possuem trabalhos que trazem a elas visibilidade (duas são atrizes e uma é modelo).

Além disso, a revista TPM é um meio de comunicação heterogêneo que, ao mesmo tempo que abre brechas para discursos de resistência emergirem, enuncia, também, discursos hegemônicos em concordância com o verdadeiro da época (Foucault, 2014b). As imagens retratadas nas postagens revelam mulheres envelhecidas, embora com características físicas que não retratam, de fato, um envelhecimento natural.

Ainda assim, é importante ressaltar que, mesmo com todas essas questões imbricadas, os enunciados proferidos colocam em questão os estereótipos de beleza atrelados à jovialidade, que estão dentro da vontade de verdade (Foucault, 2014b) desta época; o ser belo engloba, dentre outras, características como liso, sem manchas ou rugas, esguio, que vão ao encontro de características biológicas do envelhecer. Justamente por isso, embora tenhamos que levar em consideração as condições que possibilitaram a emergência destes enunciados, os discursos analisados, aqui, problematizam a questão da beleza madura e a pressão estética feminina em relação ao envelhecimento e ao etarismo.

Através da investigação deste caso, podemos perceber, no perfil do Instagram em questão, um jogo discursivo entre enunciados hegemônicos e enunciados outros, que emergem a partir de locais de resistência revelando embates entre diferentes vontades de verdade na atualidade.

Referências

BEAUVOIR, S. D. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BYTHEWAY, Bill. **Ageism**. Buckingham, UK: Open University Press, 2001.

BORDO, S. **Unbearable weight**: feminism, western culture and the body. 10. ed. Berkeley: University of California Press, 2004.

CASOTTI, L.; CAMPOS, R. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 109–131.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 70–83, jun. 1999.

DEBERT, G. G. A reprivatização do envelhecimento nas imagens da mídia. In: CASTRO, G. G. S.; HOFF, T. (org.). **Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo**: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 55–73.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico / As heterotopias**. 1. ed. São Paulo: Edições, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

GOLDENBERG, M. **A invenção de uma bela velhice**: projetos de vida e a busca da felicidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

INSTITUTO CLARO: **Etarismo afeta mulheres e homens de formas diferentes**. Entrevistada: Mirian Goldenberg. Locução: Marcelo Abud. Podcast de Cidadania do Instituto Claro, 10 de maio de 2023. Podcast. Disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/institutoclaro/episodes/Etarismo-afeta-mulheres-e-homens-de-formas-diferentes-e23r0ng>

MATOS, C. L. A. Corpo da mulher velha no Brasil no século XXI: novas identidades. *In: Anais do XVIII Enecult*. 2022. Salvador. v.3. ISSN 2318-4035.

MOREIRA, M. D. **O sonho da eterna beleza**: corpo feminino e o discurso anti-idade na publicidade de cosméticos. 2021. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

SIBILIA, P. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice.: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83–108.